



RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ¹

Maria Angélica Góis Alves²
Maria Gerlene Farias Ribeiro³
Rosana Ribeiro Moraes⁴

RESUMO

O presente trabalho visa investigar como as relações de gênero se articulam dentro do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pará, uma vez que no curso, apesar de promover uma renovação significativa em termos de acúmulo teórico, prática profissional e valorização da dimensão ético-política, ainda é grande o ingresso de alunos do sexo feminino.

Palavras chave: Gênero, Serviço Social, masculino, feminino.

ABSTRACT

The present work aims to investigate how gender relations are articulated in the course of Social Service, Federal University of Pará Since the stroke, although promoting a significant renewal in terms of accumulation theory, practice and appreciation of the ethical-political dimension, there is a huge influx of female students.

KeyWords: Gender, Social Work, male, female.

INTRODUÇÃO:

Seja na instituição pública ou particular, o curso de Serviço Social é conhecido pela hegemonia do sexo feminino no corpo docente e discente. A realidade persiste mesmo após o rompimento com a concepção de uma prática essencialmente filantrópica feminina promovida pela última corrente do movimento de reconceituação: a intenção de ruptura.

¹ - Artigo resultado de uma pesquisa que faz parte das atividades do Plano de Estágio realizado na Secretária de Estado Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH), mais especificamente, na Coordenadoria de Promoção dos Direitos da Mulher (CPDM), setores do Governo do Estado do Pará.

² Estudante de Graduação. Universidade Federal do Pará (UFPA). angelica_gois@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁴ Mestre. Universidade Federal do Pará (UFPA).



No caso do curso de Serviço Social da UFPA a realidade não foge à regra. É o que nos mostram os dados do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas: do total de 122 alunos matriculados em 2009, 104 deles, ou seja, 85,2% é o universo formado por mulheres, enquanto que 18 alunos (14,75%) são de homens. Apesar de tal evidência, poucas ou raras foram as literaturas que problematizaram a questão de gênero no interior do curso de Serviço Social.

Portanto, o trabalho torna-se relevante no sentido de debater uma questão pouco discutida entre os acadêmicos e profissionais: a predominância feminina no curso e suas implicações na atualidade. A discussão sobre as relações de gênero torna-se pertinente no sentido de “captar a trama das relações sociais, assim como as históricas transformações por ela experimentada através dos diferentes sociais nos quais, as relações de gênero têm lugar” (OSTERINE, 2001 p.119)

Também, visa desconstruir o estigma do Serviço Social ser uma profissão ideal para as mulheres, uma vez que elas são “naturalmente” dóceis sensibilizadas com as expressões da questão social e capazes de lidar com as pessoas. Outra contribuição seria o esclarecimento aos homens de que eles também podem exercer sua sensibilidade no tratamento com as pessoas e se interessar pela questão social, encorajando-os a ingressar e a permanecer no curso.

A pesquisa foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2010 com discentes e docentes do curso em duas fases. Primeiro, se aplicou 27 formulários à 3 turnos (manhã, tarde e noite), divididos entre os alunos do 2º, 6º e 8º semestres a fim de detectar as impressões iniciais sobre o que seja o Serviço Social para homens e mulheres que estudaram nele. Neste caso, a discussão foi para chegar a uma análise pelos semestres selecionados, ou seja, um olhar de quem está chegando no curso, depois para quem está no meio do mesmo e, finalmente, não se pode deixar de observar a visão dos que estão no último semestre, uma vez que também já possuem uma visão apurada sobre a temática dentro do Serviço Social, inclusive na perspectiva de gênero.

Já a segunda fase, foi composta de entrevista semi-estruturada com cinco professores, sendo a maioria do sexo masculino, pois acreditamos que estes, por terem sido alunos, tem uma noção de como a presença masculina era vista na época da graduação e também para entendermos como estes são vistos pelos usuários.

Muitos acadêmicos aceitaram fazer a entrevista sem muita resistência, entendendo a importância da pesquisa. Para alguns, houve a necessidade de explicar o conceito de gênero. Os homens abordados relataram espontaneamente situações vivenciadas dentro e fora da academia que de certa forma demonstram diferenciação de alunos do sexo feminino e masculino no curso. Com os profissionais, não foi diferente. Todos concederam gentilmente à entrevista. Acredita-se que os argumentos deles trouxeram questões primordiais para aprofundar a discussão acerca da prevalência do sexo feminino no Serviço Social, ou seja, da própria questão das relações de gênero no interior do curso e da profissão.

1- DISCUTINDO GÊNERO

Pode-se afirmar que gênero é uma categoria relacional que inclui não só relações entre homens e mulheres como também entre homens e homens e mulheres e mulheres. É o sexo socialmente construído, determinado por papéis, simbologias e comportamentos designados para cada sexo. Saffioti (1987, p. 10) esclarece melhor afirmando que seres humanos nascem machos ou fêmeas, sendo transformados homens ou mulheres por meio da educação e do processo de socialização entre os sujeitos. Logo, valores ligados ao masculino e ao feminino, que o senso comum considera naturais, nada mais são que construções sociais.

A sociedade tende sempre a naturalizar o processo de internalização dos papéis ditos masculinos e femininos, mostrando que a habilidade com a casa e filhos, por exemplo, sempre foram habilidades inerentes à mulher dada à capacidade de ser mãe. Por isso, é “normal” que ela se dedique às tarefas domésticas assim como a capacidade de gerar filhos. A autora enfatiza que não basta somente conhecer a socioculturalização dos fenômenos naturais, deve-se conhecer o contrário que é a naturalização dos processos socioculturais. Assim quando se afirma que é natural a ocupação da mulher no espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está rigorosamente naturalizando um resultado histórico (p 11). Mas para que a oposição de papéis sexuais socialmente estabelecidos se mantenha por muito tempo é necessário que cada gênero não só conheça os seus papéis como também conheça os do outro. É preciso que a lógica de cada atributo deva ser internalizado



pelo outro, de modo que sejam reconhecidos, assimilados e legitimados (PASINATO, 2008 p. 142).

A lógica de divisão de atribuições entre os sexos acaba se refletindo dentro das profissões. Os homens, devido a sua capacidade empreendedora, sua visão racional e sua “nata” habilidade de dominação, exercem profissões como Engenharia, Direito, Administração, Medicina, etc., enquanto que as mulheres, em razão de possuir “espontaneamente” capacidade de compreender, acolher, pacificar e ajudar são condicionadas a exercerem profissões como Enfermagem, Pedagogia, Licenciaturas ligadas à Letras e Artes e principalmente Serviço Social. Esta última, em seus primórdios no Brasil, foi fortemente vinculada às iniciativas da Igreja Católica como forma de qualificar o laicato, formado por parcelas femininas advindas das camadas burguesas (IAMAMOTO; CARVALHO, 1988 p. 83). Não é por acaso que a profissão ainda é associada à imagem de uma moça com espírito caridoso disposta a ajudar os mais necessitados, acreditando que com isso praticaria o amor ao próximo,

As atribuições ligadas ao feminino na vida pública são na verdade extensões daquelas ligadas à vida privada tais como a sensibilidade, a maternidade, aptidão aos afazeres domésticos. Russo, Cisne, Brettas (2008 p.10) justificam as profissões que lidam com questão social serem compostas por mulheres em face delas, tanto no ambiente doméstico como no público, serem responsabilizadas pela reprodução social e por sua vez pela questão social. A presença masculina no curso, ainda que em menor número, representa uma subversão à lógica sexista, uma vez que mostra a identificação do homem com as expressões da questão social e também do despertar para o exercício da paciência, da compreensão e da retórica, essenciais para um exercício profissional pautado na garantia de direitos, independente do sexo dos profissionais.

2- REFLEXÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS:

Ainda existe a ideia de que o Serviço Social é eminentemente feminino, sob o olhar das relações de gênero, mas não para os alunos e tampouco para os profissionais, pois não foram identificados traços de preconceitos ou discriminação quanto a presença de homens no curso e nem no exercício da prática profissional. Mas sim para os que estão fora da Universidade e possuem uma concepção distorcida

do que seja a profissão e quem deve exercê-la. O curso fez sua revolução interna por meio do movimento de Reconceituação, quando abandonou de vez o ranço da caridade e benevolência e passou a dar mais importância ao debate teórico-metodológico e na garantia dos direitos do usuário. Porém, as mudanças não foram externalizadas. Como podemos observar no seguinte argumento:

“Na concepção geral da sociedade, o cuidado das pessoas é atribuição da mulher. Essa concepção perpassa na sociedade de onde surge as demandas do curso de Serviço Social. Então, as pessoas que estão dentro dessa sociedade tem essa concepção. O homem quase não procura o curso porque na mentalidade dele essa profissão é feminina”. (A. Profissional há 30 anos)

A predominância de tal (pre)conceito se deve basicamente à existência de uma distribuição de funções sociais. A sociedade, na visão de Viezzer (1994, p 108), costuma organizar-se para “aceitar a execução dos papéis sociais atribuídos de acordo com as diferenças biológicas que marcam os indivíduos ao nascer, e não com as diferenças psicológicas e culturais”. Assim devido ao corpo feminino ser predisposto a gravidez e amamentação dos filhos, a sociedade distribuiu a essa mulher a tarefa quase que exclusiva de reprodução dos seus filhos no âmbito privado.

Já os homens, por não serem biologicamente aptos a abrigar um ser por nove meses, o papel social deles se modifica, passando a ter liberdade de locomoção nos espaços públicos (escola, praças, trabalho etc) em busca de reconhecimento de suas capacidades ditas “naturais” de comandar, produzir, prover, etc e menos compromissos com os afazeres domésticos. Essas determinações, por sua vez, acabam se refletindo nas profissões, conforme o trecho a seguir:

“No trabalho, o comando masculino vai ao ponto de estender-se àqueles setores onde a mão de obra é acentuada ou exclusivamente feminina. A subordinação da mulher manifesta-se também nos salários inferiores aos dos homens, na limitação às profissões ditas ‘femininas’- que em geral, são uma extensão das tarefas do lar (cuidado de crianças, de doentes, de velhos, em serviços de educação, saúde ou assistência social)” (VIEZZER 1994 p. 116)

Portanto, não é por menos que a atuação do Assistente Social ainda seja confundida com “assistencialismo” e por sua vez com Assistência. A imagem da moça boazinha sempre com atitudes benevolentes ainda é presente na sociedade acompanhada de uma discriminação com relação a Assistência⁵.

⁵- De acordo com o entrevistado acima, muitas mulheres não almejam a profissão aos seus filhos pelo fato de a Assistência Social ser vista como “espaço de caridade. Então, você fazer caridade é ter a



Muitos acadêmicos, sofrendo variações de semestre e sexo, já superaram o caráter benevolente do fazer profissional. Quando questionados sobre as qualidades que devem possuir um Assistente Social muitos deles apontaram a responsabilidade, o compromisso com o usuário, a habilidade em operar os instrumentais como prerrogativas para uma atuação de qualidade. Os que estão no 2º semestre têm uma concepção ainda vaga sobre a atuação profissional, embora tenha em mente que o Serviço Social não é caridade, ao citarem a “força de vontade”, a “paciência” e “conhecimento geral do mundo” como atribuições fundamentais..

Conforme o decorrer da graduação, os horizontes se abrem acerca da historicidade da profissão, assim como da importância da qualificação teórico-metodológica e o compromisso ético-político. Muitos dos alunos do 6º e 8º semestres ressaltaram a proposição e a criatividade como elementos primordiais na atuação em Serviço Social. A postura ética e a operacionalização dos instrumentais foram citadas por muitos acadêmicos. Já podemos notar nestes futuros profissionais o entendimento de que o exercício profissional não se dá somente na execução das políticas sociais e no atendimento aos usuários, sejam eles indivíduos, grupos ou população. Baseia-se também na atuação nos bastidores das políticas no que tange à elaboração planejamento e monitoramento delas. O engajamento aos movimentos sócias, citado pelos entrevistados, não só se constitui um espaço novo de exercício profissional como se torna um meio de mostrar sua criticidade.

A diferença de inserção no mercado de trabalho para profissionais do sexo masculino e feminino ainda persiste de acordo com as resposta dos acadêmicos mesmo que eles encontrassem dificuldades em responder. Embora muitos concordem que as instituições privilegiem o ingresso de profissionais mulheres, devido ao fato de a profissão ser historicamente feminina, mas aqueles que percebem a valorização da força de trabalho masculina, principalmente em certas áreas de atuação, como por exemplo, sistema penitenciário e instituições para adolescentes em situação de risco.

A evidente preferência se deve ao fato de vivermos em uma sociedade que além de não distribuir renda e bens de serviços para todos(as), mantém viva por vários séculos uma cultura que inferioriza a mulher em relação ao homem, e que por sua vez acaba se refletindo nas profissões. Conforme se afirmou anteriormente, o sistema

possibilidade de ter um coração feminino. E aí, ela jamais quer que o filho dela faça caridade porque não quer que seu filho seja afeminado”.

penitenciário costuma abarcar mais profissionais do sexo masculino porque têm-se a concepção de que em face dos presídios terem a maior parte da população carcerária masculina e de que a força física é vista como atributo masculino, privilegia-se os homens. Houve consenso entre eles ao confirmarem a existência de distinção no fazer profissional de Assistentes Sociais homens e de mulheres que culmina até na preferência dos usuários. Atentemo-nos ao seguinte relato:

“Quando eu trabalhava com adolescentes infratores na FUNCAP inegavelmente que agente percebia (...). Eu era chamado para intervir em determinadas situações em que as minhas colegas ficavam mais resistentes a trabalhar: o embate com meninos, uma situação de conflito etc. Quando tinha, por exemplo, que entrar numa ala para fazer atendimento mais emergencial, eu era mais solicitado do que as colegas e elas próprias diziam 'não, vai você porque você é homem'. Ai, reflete uma questão de gênero. Eles te respeitam mais. Então, nessa área, eu percebia essa situação. Já aqui no meio ambiente não. Até porque aqui nós não lidamos com atendimento social. Nós somos técnicos e, gestão ambiental (...). Tanto na FUNCAP como aqui tudo é igual (salário entre homens e mulheres.)” (P P, Profissional há 15 anos)

É interessante destacar como a figura masculina representa de alguma forma a autoridade, ainda que esteja presente em uma profissão cuja maioria é composta por mulheres como o Serviço Social, o que demonstra que gênero enquanto relação de poder perpassa em todas as esferas da sociedade: religião, família, Estado e até nas profissões. Não só os homens recebem da sociedade a autorização para exercerem seu poder como as próprias mulheres delegam a eles o direito de usar a força para resolver situações de conflito com outros homens, sob o argumento de que serão respeitados (“eles te respeitam mais”). Nota-se que até as colegas de profissão do entrevistado designam à ele a tarefa.

Tanto acadêmicos quanto profissionais foram unânimes ao afirmar sobre a importância de iniciativas que permitam maior ingresso de homens no Serviço Social, na tentativa de quebrar o estigma de que o curso é para mulheres, não importando como seriam feitas estas iniciativas. A Faculdade de Serviço Social da UFPA aparece como a principal mentora das ações que se baseiam em palestras nas escolas de Ensino Fundamental e Médio a respeito das atribuições do Serviço Social sem distinção de sexo. Porém, podemos detectar uma exceção que aparece no seguinte argumento:

“A questão toda não é que uma maior quantidade de homens precise. O que eu acredito é que a população precisa ser esclarecida para que a profissão seja vista como importante, independente de ser praticada por homens ou mulheres. Eu não vejo como uma maior participação dos homens mesmo. Eu vejo uma quebra de preconceito em relação à



Assistência Social. Na medida em que quebra o preconceito, ai vai ser uma opção: eu vou fazer Serviço Social se eu quiser e não 'eu não vou fazer Serviço Social porque é profissão de gay'. (L G, formado Há 22 anos)

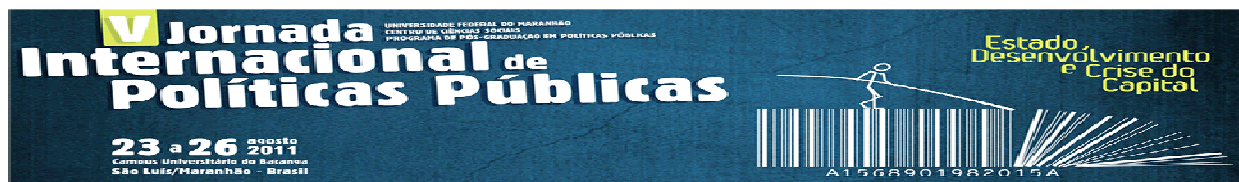
Prima-se, através deste excerto, por mais informação da população acerca da importância do Serviço Social do que pelo aumento de estudantes homens, ou seja, a qualidade é mais relevante que a própria quantidade de estudantes do sexo masculino. Porém, sabe-se que é imprescindível o esclarecimento acerca das atribuições do Serviço Social, principalmente aos alunos do Ensino Médio, e todos aqueles que almejam ingressar no Ensino Superior e para a população em geral.

Nesse ponto, é muito importante o esclarecimento a toda a sociedade de que os profissionais de Serviço Social desde os anos 90 passaram a adquirir outras atribuições além de meros executores das políticas públicas. São profissionais que também pesquisam sendo bastante respeitados por isso. Adquiriram amadurecimento nas suas formas de representação político-corporativas, por meio de filiações em órgãos de representação acadêmica e profissionais. O Serviço Social começou a discutir sua identidade enquanto profissão graças aos debates em torno das políticas públicas, sobretudo da assistência social inserida no campo dos direitos sociais (IAMAMOTTO, 2004, p. 51).

De posse destas constatações, acadêmicos e profissionais de Serviço Social reivindicam iniciativas que realmente contemplem a quebra de estigmas quanto à feminização da profissão. Iniciativas estas que vão muito além de palestras na Semana do Calouro na UFPA- quando os acadêmicos já estão inseridos no curso- ou nas anuais Feiras do Vestibular promovidas pela Universidade. É preciso ir além do ambiente acadêmico, por meio de ações que poderiam ser realizadas pela Faculdade de Serviço Social juntamente com o Conselho Regional a fim de publicizar as atribuições da profissão e o seu compromisso com a garantia dos direitos do usuário, independente do sexo do acadêmico.

CONCLUSÃO

A partir dos dados apresentados pode-se concluir que o pensar sobre o Serviço Social é inegavelmente feminino, quando se lava em conta o olhar de fora da academia. Portanto, mesmo com a permanência de uma marca feminina na profissão,



os homens que ingressaram no curso, seja como primeira opção ou migrados de cursos reconhecidamente masculinos tais como Engenharia Civil e Ciências Contábeis, foram bem acolhidos pelas suas colegas.

Em nenhum momento houve demonstração de preconceito por parte das acadêmicas em relação à presença masculina no curso. Elas percebem que é compromisso de todos os profissionais, e não só do sexo feminino, de atuar em nome da garantia de direitos da população. Verifica-se então que entre os acadêmicos e os profissionais a questão de gênero no interior do curso de Serviço Social é observada. Entende-se que não há conflitos de sexo no interior do curso, embora o ingresso no mesmo seja ainda motivado pelas relações de gênero.

Todavia, a situação muda quando o assunto é mercado de trabalho. Existe um privilégio ao sexo feminino por parte dos empregadores. Nota-se que algumas áreas de atuação valorizam mais os atributos masculinos, tais como o sistema penitenciário e o cumprimento de medidas sócio-educativas. Isso demonstra que a distribuição de papéis sociais aos homens e mulheres ainda permanece nas profissões, mostrando que ainda é muito difícil romper estes estigmas na sociedade, isto é, pela construção de que ele é “profissão de mulher”, por engendrar a *lógica do cuidado*.

Portanto, o principal desafio do curso de Serviço Social da UFPA é sensibilizar a sociedade acerca das atribuições do Assistente Social e também da importância do conhecimento teórico-metodológico na prática profissional e, sobretudo, da responsabilidade ética-política com a defesa dos direitos do cidadão. Vencer este desafio significa a quebra de preconceito do Serviço Social em si da presença masculina no curso de modo a permitir que os homens optem pelo curso espontaneamente e não se recusem a fazê-lo como negação da masculinidade.

REFERENCIAS

IAMAMOTO, Marilda Vilella; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

-----, Marilda. V. **O Serviço Social na contemporaneidade-trabalho e formação profissional**. 7ª Ed. São Paulo. Cortez. 2004.



OSTERINE, Maria do Socorro Ferreira. **Família: pobreza, gênero: o lugar da dominação masculina.** Fortaleza. EDUCE. 2001

PASINATO, Wânia. **Questões atuais sobre gênero, mulheres e violência no Brasil.** Praia Vermelha. Fevereiro de 2006.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho.** 5 ed. São Paulo. Moderna. 1987.

RUSSO, Gláucia; CISNE, Mirla; BRETTAS, Tatiana. **Questão Social e mediação de gênero: a marca feminina na Assistência Social.** Ser social n 22. Brasília. 2008.

VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher.** São Paulo. Cortez, 1987.